

O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO ▪ ANO LXXXI ▪ SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 2024 ▪ EDIÇÃO 4

O show do Gil que marcou época

Estamos em março de 1973. Neste mês, o estudante de geologia Alexandre Vanucchi Leme é preso pelos órgãos de repressão da ditadura, torturado e assassinado. A notícia correu o campus da USP. Estávamos no governo do general Garrastazu Médici. O Grêmio Politécnico pendurou uma faixa preta na vertical no Biênio.

Tinha entrado na Poli neste mês. Ganhei de meu pai um fusca branco 63 que era parado numa das três saídas da USP por militares do exérci-

to fardados que pediam para todos os calouros (carecas) saírem do carro com suas réguas T de madeira. Abriam o capô do porta malas a procura de algum papel suspeito. Era a recepção intimidatória que faziam aos calouros.

O Grêmio Politécnico, cujo presidente era o quintoanista de química Coelho (Marcos Bruno), com muita sabedoria respondeu a este clima com a magia da cultura e da arte. Organizaram em conjunto com os outros centros acadêmicos da USP um show

com o Gilberto Gil no auditório do Biênio. Gil tinha voltado do exílio. Aceitou de pronto o convite. Foi sua primeira apresentação no circuito universitário no País em sua volta.

Veio no dia do show com camiseta branca, jeans, seu violão e um guardanapo onde estava a letra da música Cálice feita dias atrás com Chico Buarque.

O anfiteatro do Biênio estava lotado com gente pendurada nas janelas altas. Eram 700 estudantes e professo-

FOTO RETIRADA DO SITE CARTA CAPITAL

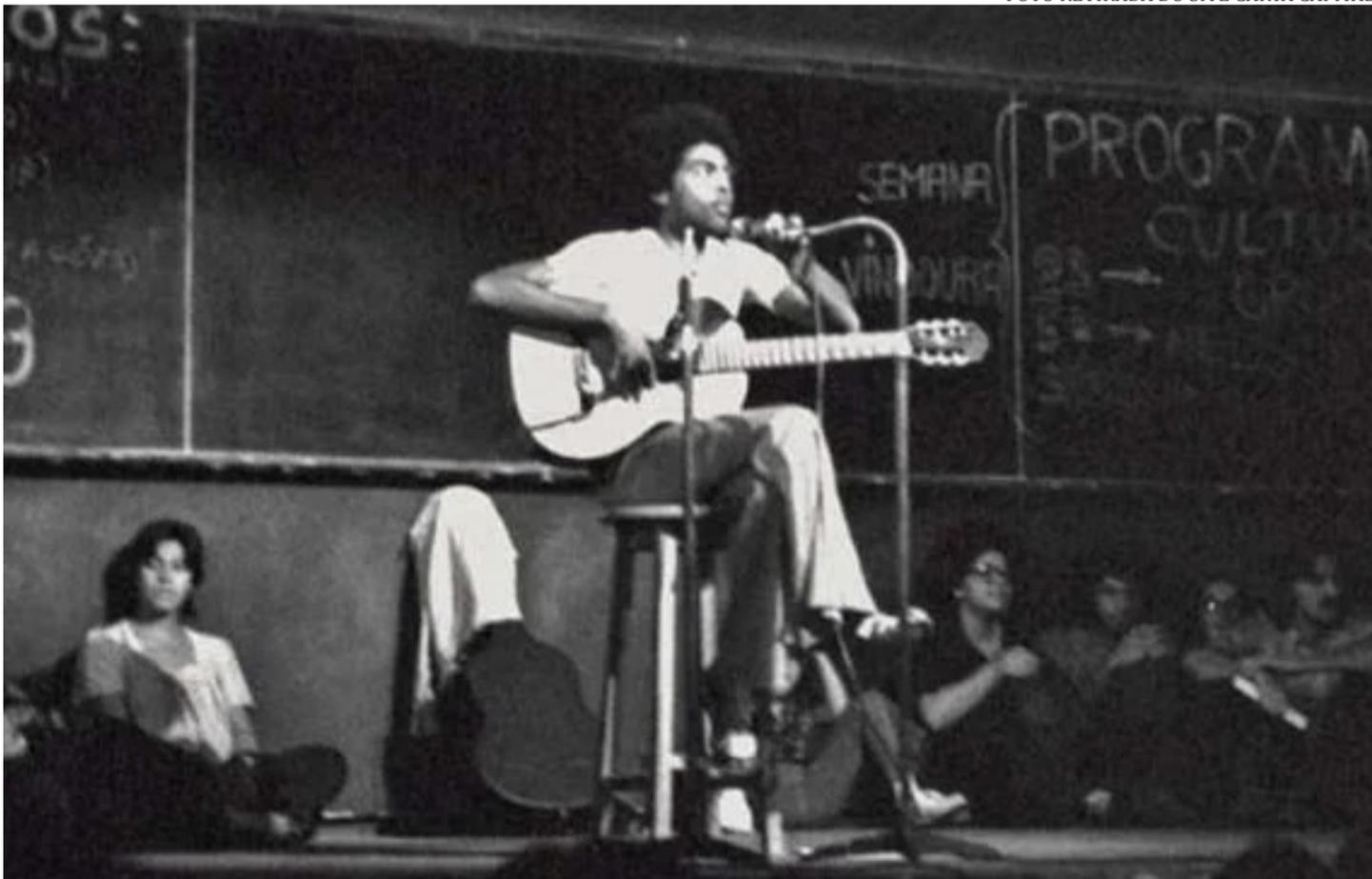


Foto de Gilberto Gil em show histórico dado em 1973 no Anfiteatro Vermelho do Biênio da Escola Politécnica da USP

res unidos por grande expectativa. Alexandre Vanucchi Leme, mártir da resistência e nome do DCE da USP desde 1976, tinha sido o parceiro daquela iniciativa.

Este espetáculo que foi gravado, através de imensa mesa de equipamentos de som, pelo genial estudante da elétrica Guido Stolfi e

desenhista do Poli Campus, hoje professor da casa, está disponível no YouTube. São 2h40 de muita emoção engarrafada. Gilberto Gil ao vivo na USP 1973. Vale conferir.

Coube a mim junto com outra colega fazer a entrevista após o show com o Gil. Marcamos no final da noi-

te no Teatro das Nações, na Avenida São João.

Com um gravador de rolo no camarim minúsculo fizemos uma entrevista publicada em 7 páginas esverdeadas no Poli Campus. Estávamos todos cansados mas muito energizados. O jornal foi disputado em toda a USP. Revelou percepções e pen-

80 anos d'O PolitécnicO!

Em novembro de 2024, O Politécnico comemora 80 anos de existência! Em virtude disso, preparamos esta edição especial, que conta com textos únicos comemorativos. Confira o texto de Jomázio Avelar, presidente do Grêmio nos anos de 1964 e 1965, e veja fotos da exposição de 80 anos d'O Politécnico, ocorrida na Biblioteca Latino-Americana do Memorial da América Latina!

POLI/PÁG. 3



O Gamela está de volta!

Com a seriedade jornalística que é preciso, apurando os fatos de cabo a rabo e não deixando ponto sem nó. Novidades sobre o Prédio da Civil e um novo jornal universitário! Quem não lê O Gamela está mal informado!

O GAMELA/PÁGS. 12 e 13

Compacto de Arte e Cultura

Confira um grande compacto de Arte e Cultura das subcolunas "OPV" - O Politécnico Viu, "OPL" - O Politécnico Leu, "OPJ" - O Politécnico Jogou e "OPF" - O Politécnico Foi; cada subcoluna conta nesta edição com temas especiais que relembram a história do Brasil e da Poli!

ARTE E CULTURA/PÁGS. 4,5 E 6

samentos inéditos do Gil que complementaram a beleza e o impacto do show da virada da década de 70.

Allen Habert é engenheiro de produção e mestre pela Poli, foi membro do Conselho Universitário da Unicamp e presidente do SEESP - Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo. É diretor da EngD (Engenharia pela Democracia).



O POLITÉCNICO

São Paulo, novembro de 2024 — Ano LXXXI — Edição 04

Editores-chefes: Pedro Paulo Caramori Lanza e Diego Roiphe de Castro e Melo

Equipe Editorial: Agatha Marcílio, Alice Cracasso, Arthur Trovó, Arthur Mageski, Beatriz Bicudo, Beatriz Medeiros, Bruno Santos, Caio Castro, Cesar Vargas, Diego Roiphe, Eduardo Vieira, Felipe S. B., Felipe Quezad Palvarini, Flávio Hashimoto, Frederico Ribella, Gabriel Oliveira, Hugo Spadete Arrivabene, Igor Belo Amaral, Isabel Bernardes, Jobel Junior, Kayky Persan, Laura Carmieletto, Luiz Melo, Mateus Pina, Mike Roberto, Pedro Lanza, Rafael Varanda, Raquel Brito, Rodrigo Cirillo, Rodrigo Saito, Samuel Ducca, Tomas Wolffenbüttel, Vânia Laime, Vinicius Murbach, Vinicius Paschoal.

Diagramação: Pedro Paulo Caramori Lanza (Hoff)

Reuniões

Quando? Às quartas-feiras!

A que horas? 11h15min

Onde? No Grêmio!

Contato



Jornal.poliusp@gmail.com



@jornalopolitecnico

ENVIE SEU TEXTO

jornal.gremiopolitecnico.com.br/envie-seu-texto

Ou nos entregue pessoalmente no Grêmio!

Editorial

Um jornal octagenário, sem perder a juventude

De fato, 80 anos se passaram, com todas as suas mudanças e, talvez, até mais rápido do que se esperaria. O Jornal O PolitécnicO presenciou o fim da Segunda Guerra Mundial, da ditadura de Getúlio Vargas, passando pela conturbada República Populista, a morte de Vargas, as tentativas de golpe, a construção de Brasília e, em cenário internacional, a Guerra Fria. Em seguida, passou pelo período da Ditadura Militar, se tornando o jornal Poli Campus, taxado como “subversivo” pelo Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS. Após isso, a queda da União Soviética, a luta pelas Diretas Já, a redemocratização, o caso PC-Collor. Além disso, sempre permeando questões internas da Poli e da USP, como a mudança para a Cidade Universitária na década de 1960, mudanças curriculares, a perda da Casa do PolitécnicO (moradia estudantil construída pelo Grêmio PolitécnicO nos anos 1950) para a prefeitura e a criação da USP Leste, em 2004. Mais recentemente, tornando-se um veículo também digital, processo intensificado durante a pandemia.

Em verdade, O PolitécnicO não foi um simples redator

da história que aconteceu diante dos olhos dos estudantes – muito pelo contrário. Este periódico foi um catalisador de discussões e um espaço de posicionamento e ação direta sobre a contingência nacional; em suma, foi um meio de os estudantes se manifestarem e mudarem a realidade na qual estavam inseridos. Exemplos disso não faltam e são extremamente evidentes em uma análise do acervo e da história deste jornal, como foi trazida na Exposição de 80 Anos do Jornal O PolitécnicO, que ocorreu na segunda quinzena de setembro, no Memorial da América Latina – também, no site jornal.gremiopolitecnico.com.br é possível ver algumas edições já digitalizadas, na aba “Acervo digital”.

Para se destacar uma ocasião ímpar na jornada deste periódico, é possível citar uma edição publicada em 25 de abril de 1956. Essa edição foi dedicada quase exclusivamente à publicação dos relatórios da Comissão de Energia Atômica do Grêmio PolitécnicO, que iniciou o movimento “o Brasil não exportará seu futuro”, relativo à exploração da monazita, minério recém-descoberto em solo brasileiro. O docu-

mento completo, elaborado pela comissão em questão, foi entregue à Assembleia Legislativa de São Paulo e o movimento chegou a nível estadual e federal, junto às Uniões Estadual e Nacional dos Estudantes (UEE e UNE), levando a certa vitória, com a implantação de novas políticas nucleares nacionais, além de suscitar uma união estudantil de forte cunho nacionalista.

O PolitécnicO tem um passado grandioso, uma história de proposição e ação, bem como de crítica, sátira e expressão artística, coletiva e individual. Hoje, o excesso de informações impõe novos desafios para a relevância do

jornalismo estudantil, que deve, mais do que nunca, ser uma voz ativa pela melhora das condições da universidade, bem como da manutenção da democracia e da conservação do planeta. Ser um jornal aberto à expressão política, sempre na defesa dos direitos humanos e, destacadamente, das minorias.

Que não fiquemos inertes diante do mundo tão conturbado.

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

Nota enviada pelo Jornal do Campus ao Jornal O PolitécnicO: “O Jornal do Campus parabeniza o Grêmio da Poli pelos 80 anos do Jornal O PolitécnicO. Seguimos juntos no serviço da democratização da informação.”

FOTO POR THIAGO GONÇALVES CORONADO ANTUNES



Diego Roiphe de Castro e Melo declarando a abertura da exposição de 80 anos d'O PolitécnicO, na Biblioteca Latino-Americana

80 Anos do Jornal O POLITÉCNICO

Gostaríamos de parabenizar o Grêmio Politécnico pelos 80 anos do jornal **O POLITÉCNICO**.

A trajetória do Jornal é notável: há oito décadas, ele mantém um compromisso ininterrupto com a comunicação voltada aos interesses e questões da comunidade estudantil da Escola Politécnica, além de ser distribuído para outros Centros Acadêmicos. Em tempos de abundância de informação, tanto no Brasil quanto no mundo, com destaque para a rápida e precisa comunicação eletrônica, a longevidade e a relevância do Jornal são um feito extraordinário, fruto do trabalho árduo e da dedicação dos estudantes que o dirigem.

O POLITÉCNICO continua sendo um veículo essencial para todos os alunos, representados pelo Grêmio Politécnico, cuja representatividade foi conquistada por gerações anteriores. O jornal reflete as preocupações e soluções que permeiam a vida acadêmica de seu público leitor.

Destaca-se, ao longo de sua história, a cooperação entre corpo docente e discente da POLI, na busca por

soluções eficazes para as questões que surgem – um processo que continua sendo relevante até os dias atuais.

Estamos confiantes de que os alunos da POLI continuarão a realizar o bom trabalho de que o país precisa, tanto agora, como estudantes universitários, quanto no futuro, como profissionais, ocupando postos no sistema produtivo privado, nos poderes públicos e na sociedade civil. Esta trajetória de contribuição se reflete em momentos marcantes da nossa história, como a “Revolução Constitucionalista” de 1932, o movimento “O Petróleo é Nosso” e a luta contra a ditadura militar e o processo de redemocratização.

Ao reler a edição nº 72 de **O POLITÉCNICO**, de maio de 1964, temos a satisfação de recordar o artigo de nossa autoria, intitulado “Tecnologia e Desenvolvimento Nacional”, escrito enquanto ocupávamos a presidência do Grêmio. Nesse artigo, destacávamos a importância do “status” tecnológico para o desenvolvimento do país, com a engenharia como protagonista fundamental. Desde então, o mundo, especialmente após a década

de 1990, testemunhou uma explosão no desenvolvimento tecnológico, que transformou profundamente tanto as comunicações quanto os processos industriais, alicerces do desenvolvimento econômico.

Essas transformações, no entanto, impõem novas formas de condução dos rumos do mundo, sob a primazia da política. Afinal, ninguém tem o direito de ignorar ou se omitir nesse campo, sob o risco de permitir que o mal prevaleça. Como disse o filósofo polonês Leszek Kolakowski: “Em política, enganar-se não é desculpa.”

Mantemos, portanto, grande expectativa em relação à atual geração de politécnicos, assim como nas futuras, confiantes de que seguirão contribuindo de forma significativa para o que o Brasil precisa e espera: participação.

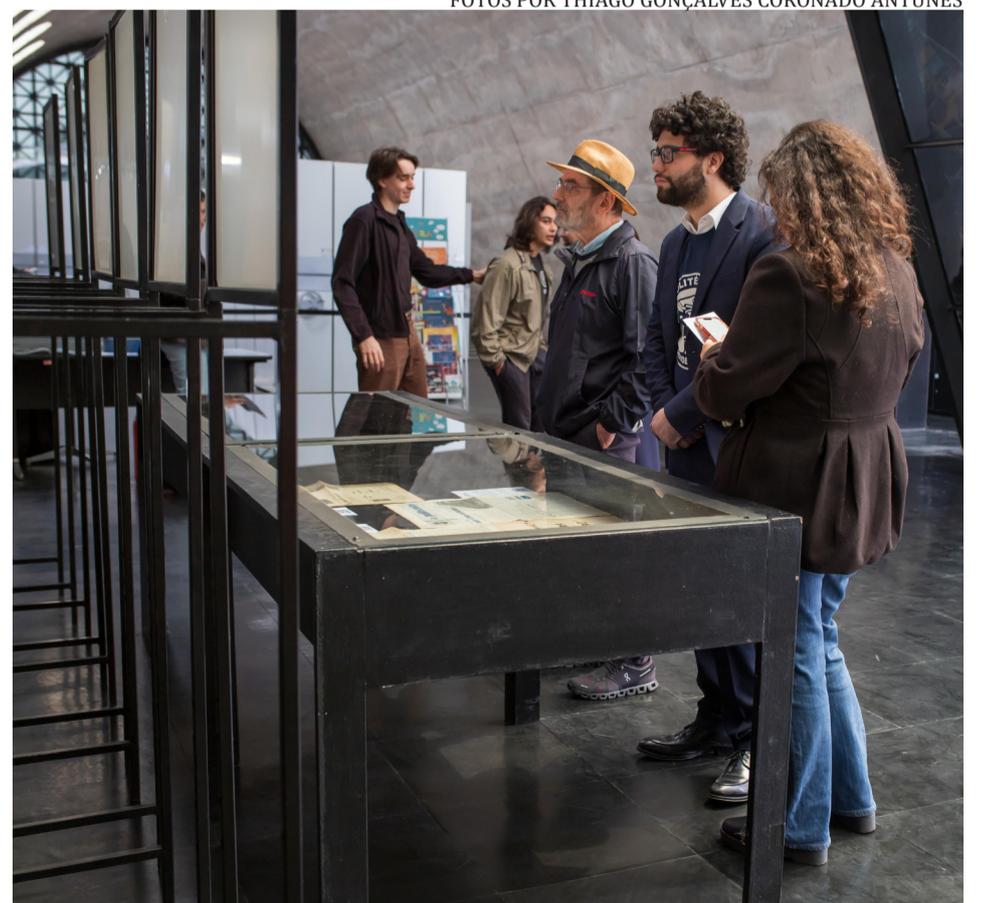
Nessa linha de pensamento, em 1990, diversos politécnicos uniram-se a pro-

fissionais liberais de outras áreas para, no exercício da cidadania, trabalhar pelo desenvolvimento do Brasil. Essa iniciativa visa à construção de uma democracia sólida, baseada no Estado de Direito e na cidadania, que não é um ponto de chegada, mas um processo contínuo de transformação econômica, política, cultural e social. O objetivo é tornar o Brasil a melhor Nação do mundo para se viver bem. Esses profissionais liberais são associados ao Conselho Brasil-Nação, uma instituição da sociedade civil, sem fins lucrativos, cuja missão é elaborar e propor um Projeto Nacional de Desenvolvimento para o Brasil.

O Brasil tem um lugar de destaque no mundo, ainda a ser ocupado!

Por Jomázio Avelar, presidente do Grêmio nos anos de 1964 e 1965

FOTOS POR THIAGO GONÇALVES CORONADO ANTUNES



Fotos do dia de abertura da exposição de 80 anos d'O Politécnico, na Biblioteca Latino-Americana do Memorial da América Latina

Arte e Cultura

O Politécnico Viu: Brasil Verdade

REPRODUÇÃO: CANAL THOMAZ FARKAS

|| A convicção de que a melhor forma de apreender a realidade brasileira só poderia ser através do filme documentário nos levou a refletir sobre seus vários significados e, conseqüentemente, à sua realização." Thomaz Farkas, na produção (e direção) cinematográfica, bem como na fotografia, soube transcender a visão "factual" do documentário, explorando a grande dimensão poética e artística que esse meio possibilita retratar. Assim, em colaboração com diferentes diretores, foi atrás de costurar os fios entre as culturas do Brasil – ou dos Brasis, que ocupam estas terras já secas de tão torcidas.

Em Brasil Verdade formam-se histórias, na forma de imagens, músicas, vozes e depoimentos. Menos conhecido do que deveria, o filme-documentário de Farkas traz imagens de Pelé em campo, da promessa de vida na cidade grande, da festa do samba e do Rei do Cangaço, Lampião.

O longa foi composto em 1968 pela justaposição de 4 documentários de média metragem em preto e branco: Memória do cangaço (1964, dirigido por Paulo Gil Soares); Subterrâneos do futebol (1965, por Maurice Capovilla); Nossa escola de samba (1965, por Manuel Horacio Giménez); e Viramundo (1965, por Geraldo Sarno). Está disponível, bem como o restante da produção cinematográfica de Thomaz Farkas, no site www.thomazfarkas.com

Flávio Yuji Hashimoto,
Engenharia Elétrica, 1º ano.

Eu gostei que algumas das histórias tem meios diferentes de serem contadas, em Nossa Escola de Samba, por exemplo, é algo mais expositivo enquanto em Memórias do Cangaço conta as histórias por meio de relatos de pessoas que viveram o Cangaço. A direção de luz é muito bem feita, sendo fácil de entender o que ocorre, mesmo que às vezes seja um espaço fechado à noite. Porém, os documentários sofrem um pouco por causa do áudio, tendo em vista que não tem muita edição para abafar sons externos, então as vezes fica difícil de escutar o que é dito. Apesar disso, são excelentes documentários que contam sobre diferentes aspectos do Brasil.

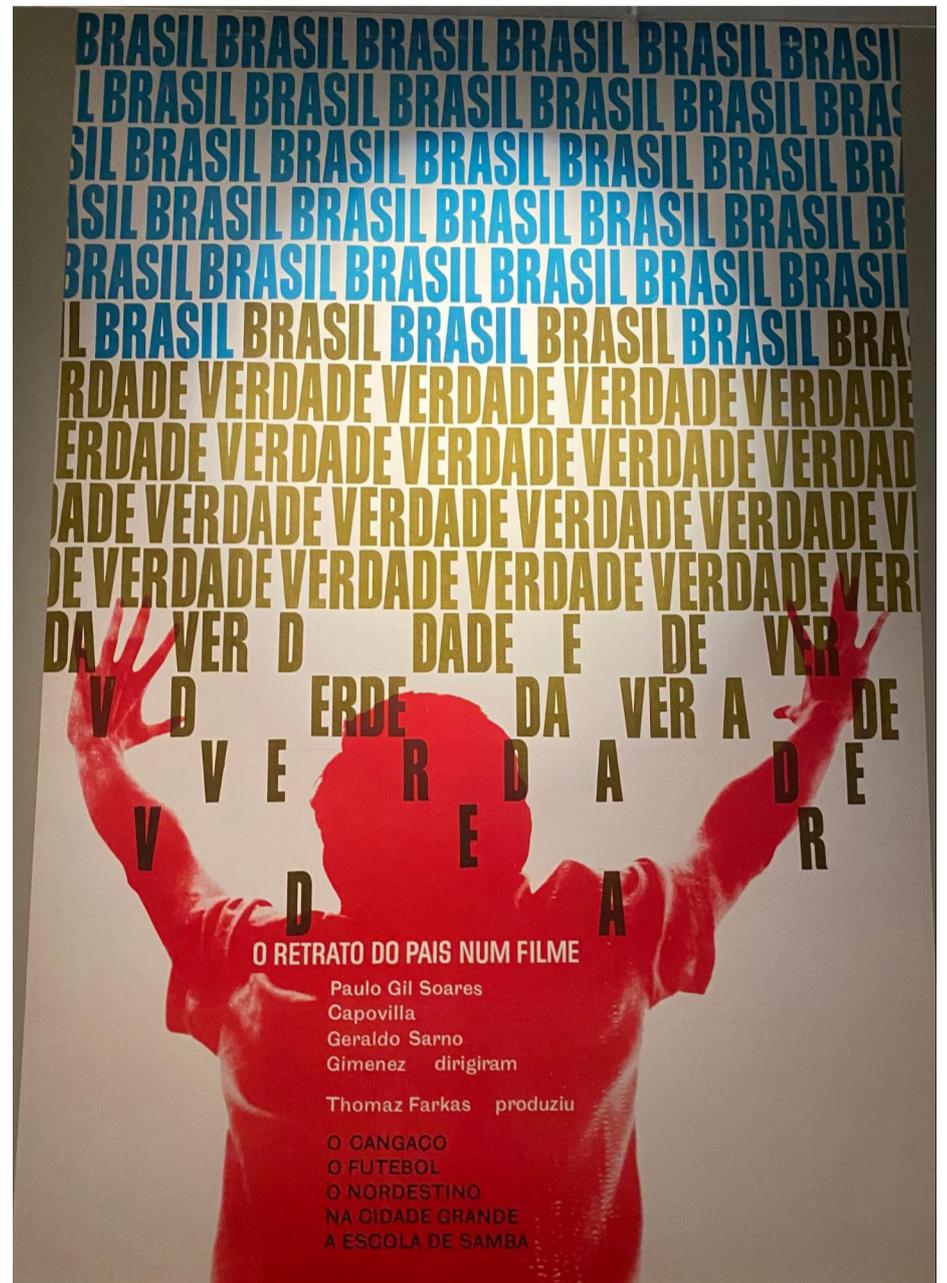
Nota: 9/10

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

É de arrepiar. As imagens, os sons, a música, as vozes. Um retrato tão vivo que compõe uma mensagem para além da sequência de quadros ante os olhos.

Está certo, sou suspeito em falar, gosto bastante de documentários. Mas ver algumas faces do nosso país se desdobrando repetidamente... ver e ouvir do Virgulino Ferreira da Silva... quase tocar as chuteiras do Pelé... ressoar o batuque do samba... perceber que a ilusão da grande cidade se mantém um tanto... Tudo isso é, minimamente, impactante; provavelmente, transformador. Produzido por um politécnico, ainda...

Nota: 10/10



Rodrigo Saito,
Engenharia Naval, 1º ano.

Fiquei perplexo com a forma como foi levado cada documentário. É um sentimento quase nostálgico o que senti, talvez por se tratar de uma produção antiga ou por tocarem no coração com suas mensagens.

Cada trecho te instiga a querer saber mais, a querer ouvir mais, é tanta história, é tanta emoção que cada diálogo possui que é complicado descrever num pequeno texto. Simplesmente fantástico.

Nota: 10/10

O Politécnico Jogou

WhenTaken

Entrando no mundo de jogos de browser, que possuem uma imensa variedade de tipos, hoje apresento WhenTaken. Este é um jogo que mostra uma foto, podendo ela ser emblemática, como o voo do 14-Bis em Paris ou cotidiano de uma pessoa em um local qualquer, sendo o seu

objetivo acertar quando e onde que ela foi tirada; quanto mais perto do ano e da localização, maior a pontuação. Convidando o jogador a testar os seus conhecimentos dentre as mais diversas áreas do conhecimento, agindo como se fosse um detetive analisando os detalhes na imagem, criando hipóteses com objetivo acertar o lugar e o ano da imagem. O período dessas

fotos varia de 1860 até hoje, já a localização pode ser qualquer lugar no mundo.

Podemos separar o site em três opções para jogar. Com o primeiro delas sendo o jogo diário, que é atualizado todo dia às 00:00, com imagens escolhidas pela própria equipe que gerencia o site, sendo um desafio novo a cada dia. O outro é o arquivo onde são encontrados todos os jogos diários já feitos, para você não se preocupar em jogar num dia em específico. Também temos a comunidade onde são fei-

tos vários jogos personalizados sobre os mais diversos assuntos como futebol, pontos turísticos, eventos festivos e etc, não se limitando somente ao jogo diário.

Ele é desenvolvido pela TeufGames, uma empresa norte-americana que desenvolve sites e aplicativos de entretenimento como o WhenTaken, focado em fotografia com uma mistura de geografia. Ela também é detentora de outros sites como Flagle, Worldle e WhereTaken, que seguem uma temática parecida.

Recomendo a todos jogar

Arte e Cultura

pelo menos uma vez no jogo diário, criando hipóteses e teorias de onde e quando a foto foi tirada, e ver se elas são verdadeiras ou não. Caso se frustrasse jogando por conta da dificuldade ou por se sentir perdido, tente entrar na aba comunidade e procurar um jogo sobre um assunto que você domina, e também existe a oportunidade de criar um jogo personalizado, precisando criar uma conta no site, podendo ser até divertido compartilhar com

os amigos desafiando eles a jogar o que você fez.

WhenTaken é um jogo desafiador, que inova ao jogador tentar descobrir onde e quando a foto foi tirada, sendo divertido de jogar, seja criando hipóteses e teorias sobre a foto ou somente para testar seus conhecimentos gerais, você decide como jogar.

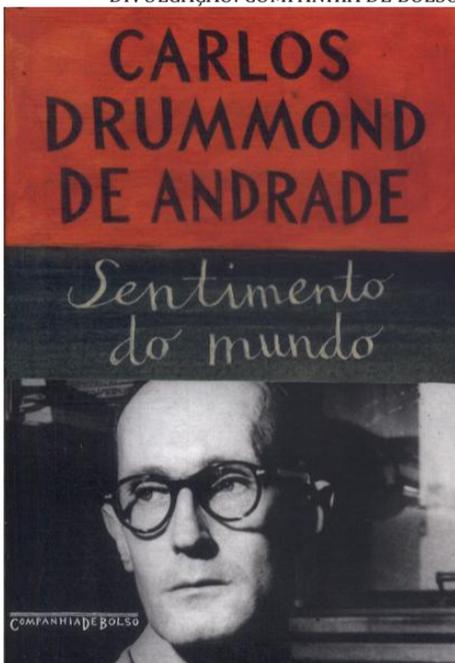
Autor: Engenheiro entusiasta de Geografia e Fotografia



Print do jogo "WhenTaken"

O Politécnico Leu

DIVULGAÇÃO: COMPANHIA DE BOLSO



cada de 30, relata a forma desesperançosa pela qual o autor via o mundo.

"Quando me levantar, o céu
Estará morto e saqueado
Eu mesmo estarei morto"

A ascensão do Fascismo na Europa, as milhares de mortes causadas pela exploração colonial, o medo e a tensão mundial, fizeram Carlos escrever de forma saudosa, as manhãs que vivera em Itabira, enfatizando que naquela época: "Ainda havia manhãs".

O autor, com seu espírito modernista, também realiza diversas críticas às desigualdades existentes no cenário político-social do Brasil da época, e mesmo sendo publicado a mais de 80 anos, consegue abranger temas que são pautados até hoje. A obra de Drummond é, com toda certeza, muito além do reflexo das instabilidades políticas da década de 30/40, mostrando como um Itabirano poderia ter esse "sentimento de mundo".

Nota: 8/10



Tenho apenas duas mãos e o sentimento de mundo

Sentimento de Mundo

Rodrigo Saito,
Engenharia Naval, 1º ano.

Sentimento de Mundo, escrito por Drummond ao longo da dé-

DIVULGAÇÃO: GLOBAL EDITORA



Romanceiro da Inconfidência

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

Uma série de "romances", poemas narrativos e canções populares que contam, em tom quase épico, as bases do povo que entoava seus versos. É usando e atravessando a ideia clássica de "romanceiro" que Cecília Meireles envolve o leitor no clima dos séculos XVII e XVIII do Brasil-Colônia, em que circulavam mitos, histórias,

causos nas vozes do povo. A corrida pelo ouro e as promessas da Vila Rica são o cenário da chegada de ideais luminosos e revolucionários.

Os árcades Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa cantavam de pastos e pastores, amantes e amores. Um sonho de plenitude, um sonho de libertação. As reuniões secretas, os boatos. Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, tão humano quanto revolucionário, o bode expiatório de uma fracassada conspiração. As delações de Joaquim Silvério dos Reis e outros "pusilânimes".

Os cantos que Cecília reúne, sem dúvida, têm a força e a beleza para re-formar uma civilização, re-unir um povo. Estrofes que dão vontade de cantarolar, ideias que inspiram, casos que dão raiva, chamam à subversão. O que aconteceu em Vila Rica deve viver.

Recomendo fortemente o livro, com poemas de linguagem não muito rebuscada, mas que evocam lendas e acontecimentos históricos muito curiosos. Indico também o filme "Joaquim" para acompanhar a leitura. Um livro denso, mas repleto de música, de beleza, de desejos e ideais.

Nota: 9,3/10

O Politécnico Foi

Thomaz Jorge Farkas nasceu na Hungria. Veio ainda criança ao Brasil, e fez-se brasileiro. Foi atrás de todo o Brasil que fosse possível. Procurou coser os retalhos do país com o fio da máquina fotográfica. Assim, fotografou, filmou, dirigiu e produziu filmes-documentários, explorando e valorizando a profundidade poética dessas formas de produção artística que, até então, eram vistas como factuais, objetivas e rasas. Dentre essas produções, destacam-se as séries documentais A

condição brasileira e Brasil Verdade – assistido e comentado por nós no O Politécnico Viu desta edição –, além de filmes como Todomundo – que dá nome à exposição – e Hermeto Campeão, que retrata e homenageia o músico Hermeto Paschoal.

Formou-se politécnico, em 1947, como engenheiro mecânico e elétrico, tendo, já na Poli, realizado diversos experimentos fotográficos, fundando o Foto Club Politécnico, que viria a figurar nas páginas deste Jornal. Além

disso, também participou ativamente do próprio O Politécnico, tendo escrito textos e realizado fotografias para algumas edições, na época em que Adolfo Lemes Gilioli ainda era o editor-chefe.

Neste ano, em que Farkas completaria 100 anos, o Instituto Moreira Salles, atual detentor do seu acervo fotográfico e cinematográfico, realiza a exposição Thomaz Farkas, todomundo, revivendo e explorando toda a vasta obra desse fotógrafo-artista. Lá, é possível ver como, saindo de edições do Jornal O Politécnico, ele foi atrás de toda a arte que pudesse fazer, inclusive fazendo doutorado e lecionando na Escola de Comuni-

FOTO POR DIEGO ROIPIHE DE CASTRO E MELO



Arte e Cultura

cações e Artes da USP. Descobrir mais sobre a história de Farkas é também um alento e inspiração a todos da Poli que tenham a veia pulsante da arte, que não pode secar.

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia Civil, 2º ano.

Acervo de Thomaz Farkas –
www.thomazfarkas.com/

Exposição Thomaz Farkas,
todomundo
19/10/2024 a 9/3/2025
IMS Paulista – Avenida Paulista, 2424, São Paulo/SP - Brasil
Entrada gratuita
Terça a domingo e feriados das 10h às 20h (fechado às segundas)

Fotografias de autoria de T. J. Farkas, com o serviço de laboratório a cargo da Fotoptica.



A Redação em franca atividade.

“Contribuições de Thomaz Farkas para edição de maio de 1945”



Dr. PAULO MENEZES MENDES DA ROCHA, quando entrevistado pelo “O Politécnico”

Engenheirando

Revolução da Eletrônica: Primeiro transistor foi criado em 1947

Não é surpresa para ninguém os avanços que a eletrônica tem alcançado nos dias de hoje, percebido com computadores, celulares e outros dispositivos usuais. Atuais circuitos integrados são compostos por bilhões de componentes, o chip Apple M3, por exemplo, tem cerca de 25 bilhões de transistores, enquanto que a GPU para IA, NVIDIA H100, tem aproximadamente 80 bilhões deles. Os transistores representaram uma grande revolução para a microeletrônica e chegaram a dimensões tão pequenas (0,24 nanômetros de diâmetro) que são comparáveis com a escala atômica, mas há cerca de 80 anos atrás, quando foram inventados, a história era bem diferente.

Logo no início dos anos 1900 com o advento do rádio, surgiu-se a necessidade do controle de corrente. Assim se criou o triodo, um dispositivo que funcionava por meio de válvulas e que foi amplamente utilizado em produtos com áudio. Contudo, eles contavam com muitas desvantagens, como o tamanho, peso, alto consumo de energia e aquecimento, o que diminuía sua vida útil.

Em 1947, os cientistas William Shockley, John Bardeen e Walter Houser Brattain no Bell Laboratories desenvolveram o protótipo do primeiro transistor, cujo nome deriva de "TRANSfer reSISTOR" (resistor de transferência, em português), e que foi capaz de subs-

tituir válvulas tanto em circuitos analógicos quanto digitais, através do controle e processamento de sinais.

Os primeiros transistores eram feitos de germânio e eram muito caros comparados com as válvulas, que na época custavam apenas alguns centavos. Durante a década de 1950, o componente foi aperfeiçoado, sendo que o germânio, elemento raro, foi substituído por silício, elemento barato e abundante. Com isso, o componente foi gradualmente diminuindo de tamanho e se tornando mais barato e eficiente. Na mesma década, surgiu o transistor bipolar de junção (NPN) e em 1960 foi desenvolvido o "mosfet", amplamente utilizado na eletrônica, com circuitos integrados.

A evolução do uso dos transistores foi constante e possi-

bilitou que a eletrônica chegasse ao seu nível atual. Em 1965, o co-fundador da Intel, Gordon Moore, enunciou o que seria conhecido como a "Lei de Moore", que diz que o número de transistores em um chip dobra a cada 18 meses. O primeiro circuito impresso (CI) da história criado em 1958 pelo engenheiro Jack Kilby, da empresa Texas Instruments, possuía apenas um transistor e alguns capacitores e resistores conectados por uma pastilha de germânio.

Hoje, o número desses componentes em um chip chega a bilhões, e sua importância aumenta cada vez mais no desempenho de dispositivos e na criação de novas tecnologias.

Gabriel Oliveira,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

Tradição e Competições que Marcam Gerações

Na Poli, ser politécnico é mais do que enfrentar provas difíceis e noites mal dormidas: é viver uma experiência universitária intensa, onde o esporte tem um papel fundamental na criação de laços e na formação de memórias que acompanham os alunos por toda a vida. É na Atlética da Escola Politécnica da USP que essa paixão encontra sua expressão mais vibrante, através de confrontos que, ao longo dos anos, se transformaram em tradições inesquecíveis. Não há nada que simbolize melhor essa vivência do que as rivalidades históricas que a Poli mantém viva, especialmente com a Escola Paulista de Medicina (Pauli) e a Engenharia Mackenzie.

Tradição da Pauli-Poli

A "Pauli-Poli" vai além de uma simples competição entre faculdades, sendo uma celebração de companheirismo e

do respeito entre engenheiros e médicos. Nas quadras e nos campos, a Pauli torna-se um adversário digno e uma fonte de rivalidade saudável.

Dessa forma, além de jogos marcantes, antigamente, acontecia o icônico "Curso", uma guerra de frutas estragadas entre as torcidas que marcava a abertura do campeonato, o qual era um preparatório para a Intermed e a InterUSP, principais campeonatos de cada uma.

Mackenzie e o Confronto das Engenharias

Se com a Pauli a rivalidade tem raízes na complementaridade entre as áreas de saúde e exatas, com o Mackenzie o cenário é de uma disputa direta entre engenheiros. O Desafio Mack-Poli, especialmente no contexto das engenharias, simboliza o embate entre duas das faculdades mais antigas e respeitadas de São Paulo. As competições esportivas entre as duas escolas são intensas, e os

embates entre a Poli e o Mackenzie são jogados com fervor, atraindo a torcida e gerando memórias inesquecíveis.

Jogar contra a Engenharia Mackenzie representava mais do que apenas o aparente simples embate entre equipes, representava também uma guerra para defender a superioridade de cada faculdade, mas, cá entre nós, sabemos qual estudante passou na Fuvest e não tem que pagar boleto.

Com o passar do tempo, a rivalidade entre as engenharias cresceu e o Desafio Mack-Poli deu espaço para o famoso Engenharíadas. Infelizmente, nenhum dos dois campeonatos acontecem mais, mas fiquem atentos que a oportunidade para torcer contra os burros pode chegar a qualquer momento.

Um Legado de Paixão e Companheirismo

Nossa querida AAP não é apenas uma organização es-

portiva, é uma extensão da nossa identidade como alunos. É na Atlética que encontramos um espaço para criar histórias inesquecíveis e para expressar nosso orgulho pela faculdade de forma viva e vibrante. Além das rivalidades, o esporte universitário na Poli é uma maneira de viver plenamente a vida acadêmica, de formar memórias e de aprender lições de trabalho em equipe, resiliência e dedicação.

Entre treinos semanais, competições internas e eventos como os "happy hours" e as festas, a Atlética proporciona aos alunos uma experiência única, onde o azul e amarelo se transformam em muito mais que cores. Cada campeonato, cada festa e cada grito de torcida são uma oportunidade de construir o legado de ser politécnico, um legado que transcende os muros da USP e se perpetua no coração de cada aluno que passou pela "Escola das nossas vidas".

Humberto Isamu Fukuhara,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.



Cálculos Existenciais

Francis Bacon

Otro familiar dele tinha morrido. Uma lástima; adoraria ter ido ao funeral, mas não gostava de sair de casa – muita luz e, além disso, o cheiro de outras pessoas era insuportável. Preferia ficar em casa lendo o jornal, como tinha feito por algum tempo – era muito mais excitante do que o mundo lá fora. Para quê sair de casa ver um filme quando há tanta gente disposta a fazer resenhas muito mais convenientes no jornal? Para quê buscar conversar com as pessoas quando podia só confiar que tudo o que havia a ser ouvido se ouviria dos entrevistados no jornal? Essa coisa de mundo é difícil demais para viver sem a mediação do bom e velho jornal.

Não é como se ficasse so-

zinho; muito pelo contrário, quanta gente conheceu por aquelas páginas! Professores especialistas em uns tantos assuntos; os mais artistas e suas charges; o Geraldinho... Geraldinho lá por 1948 já falava de formar clube de cinema, deve ter ficado feliz à beça uns 45 anos mais tarde quando a universidade seguiu seu conselho. Comovente, o Geraldinho.

Ele não era assim tão fundamentalista do jornal de nascença (mesmo que adoraria ter sido um bebê mais bem informado). Costumava ser mais crítico; afinal, eles nem chegaram a reportar sobre aquele maníaco que se acostava por lá para ameaçar morder as pessoas. Logo, porém, começou a duvidar mais é de si mesmo – talvez tivesse ido a algum evento que

colocou aquelas duas marcas em seu pescoço – já fazia tempo demais, e o acervo do jornal era melhor preservado do que suas memórias.

Um dia, porém – e isso sem um motivo que eu possa entender –, insistiu por sair. Arrumou-se bem, inspirou o máximo que pudesse do ar com o qual se tinha acostumado pelos últimos 80 anos, e abriu a porta para ir ver o mundo. E como era engraçado o mundo. De estar nele, sentia uma dor se agarrando à sua pele, amalgamando-a com uma luz queimante que o dissolvia ao vento, o vazava em poça, o fazia contente. Um passo atrás do outro, só podia ser uma comédia.

Quando o encontrei, não sabia o que fazer com ele direito; na verdade, quase pisei no que restava dele espalhado pelo corredor, aquele serzinho quase um Francis Bacon. Não me chegou a contar nada

– mal tinha boca para fazê-lo. No entanto, por algum motivo, deu-me a entender que queria ser deixado aqui, que virasse mais alguém a ser conhecido no mundo.

Bruno Nicola Viola Ladosky,
Engenharia de Computação, 2º ano.

FONTE: WIKIPÉDIA



Retrato de Francis Bacon

Verba volant, scripta manent

Por Carlos Dias

Os jovens andam muito criticados. Na verdade, sempre foram porque os mais velhos não têm boa memória e esquecem que não eram lá muito diferentes. Mas nestes tempos em que as gerações ganharam rótulos, ou melhor, letras, o patrulhamento etário ficou pior. É uma injustiça, porém, desqualificar a juventude—sobretudo com o argumento de que sua incontornável falta de vivência e conhecimento os tornasse menos capazes. Pelo contrário. Os jovens—particularmente os estudantes universitários—têm sido os responsáveis por várias das mais importantes conquistas e avanços da sociedade nos últimos cem anos. Eles foram protagonistas de mudanças sociais, ambientais, políticas e econômicas.

Nos Estados Unidos, por exemplo, os estudantes foram peça-chave no movimento pelos direitos civis nos anos 50 e 60. Não é preciso muito esforço para imaginar a coragem e determinação que tiveram os chamados “Nove de Little Rock”. Em 1957, esses nove adolescentes negros entraram em um colégio da capital do estado de Arkansas sob escolta policial para fazer cumprir a lei que proibia a segregação racial nas escolas. Nada se compara em termos do bullying de hoje em dia ao que esses jovens passaram sozinhos da porta para dentro do Central High School nos anos que se seguiram.

Não desistiram, tiraram seu diploma e se tornaram profissionais nas mais diversas áreas, até serem condecorados, 35 anos depois, pelo presidente Bill Clinton. Poucos adultos, com toda a sua vivência e experiência, teriam a coragem que eles tiveram para entrar na História na amarra e servir de inspiração para as gerações seguintes, tornando possível a existência de personagens históricos como Ba-

rack Obama e Kamala Harris.

Os adultos, a bem da verdade, só tentaram atrapalhar os avanços da sociedade. Foi graças a eles que um dos movimentos mais importantes do século 20 foi desqualificado. O hippies passaram a ser rotulados como um bando de jovens promíscuos e drogados, quando na verdade eram visionários, muito além do seu tempo. O consumismo, por exemplo, ainda estava nascendo, e eles já advertiam para os perigos do materialismo. Eram contra os alimentos ultraprocessados, ainda uma novidade também, e foram os precursores do ambientalismo—talvez o maior desafio da humanidade para o século 21.

Sem nunca ter tido um líder específico, o movimento nasceu e floresceu em diversos campi de universidades norte-americanas e se espalhou pelo planeta. Ficou mais conhecido no mundo principalmente por causa do pacifismo. Esses jovens que não sabiam o que era a vida protestaram pacificamente contra o envolvimento norte-americano na Guerra do Vietnã e queimaram em praça pública seus documentos de alistamento militar. Diziam que não iriam pegar em armas para matar outro ser humano.

Na mesma época, influenciado pelo movimento pacifista, o campeão mundial de boxe na categoria pesos-pesados, Muhammad Ali, um ídolo globalmente conhecido, foi convocado para lutar na guerra e se recusou. “Por que eles me pedem para colocar uma farda e ir para um lugar a 10.000 milhas de casa para jogar bombas e balas em gente de pele escura no Vietnã enquanto os negros em Louisville são tratados como cães?”, disse Ali, comparando a situação com a guerra que os negros travavam contra a segregação em seu próprio país. Essa frase, mais a desobediência si, custaram ao pugilista a pena máxima de

cinco anos de prisão e 10.000 dólares de multa, além da perda do título. Ele tinha 25 anos.

O ativismo da juventude, no entanto, está longe de ser uma marca dos Estados Unidos apenas. Na Europa, foram os estudantes que mais resistiram aos regimes de exceção

mo norte-americano. Contagiu o mundo e foi o ponto culminante do que já vinha movimentando os Estados Unidos.

Antes disso, a Revolução Húngara, em 1956, começou com manifestações estudantis pacíficas em Budapeste. Na hoje extinta Checoslováquia, a invasão de tropas soviéticas pôs fim à força os protestos da



durante a Guerra Fria. Em maio de 1968, o estudante Daniel Cohn-Bendit liderou o movimento mais conhecido historicamente, paralisando a França contra o consumismo, o capitalismo e o Imperialis-

Primavera de Praga, que culminou com um estudante que suicidou-se colocando fogo em si mesmo em 1969, agravando ainda mais a reação estudantil (na Grécia, um estudante também tirou a vida

com fogo contra a ditadura). Vinte anos depois, no Dia Internacional do Estudante, os universitários checos voltaram às ruas contra o regime comunista, foram reprimidos, mas desta vez o movimento levou a eleições livres, em um clima político favorecido pela queda do Muro de Berlim e de outros regimes comunistas no Leste Europeu.

Mas não foi só lá. Na África, foram os estudantes que levaram ao fim da ditadura na Etiópia do Imperador Haile Selassie, em 1974. Do Paquistão à China, passando por Hong Kong, do Brasil a Bangladesh, passando pela Argentina e Chile, os jovens foram responsáveis pelos principais movimentos de resistência à opressão. A lista tem o tamanho do número de países do mundo.

Uma das ferramentas mais eficientes utilizadas para a propagação das ideias desses

movimentos foram os jornais universitários. Muitas das universidades mais influentes do mundo têm longas tradições jornalísticas, com veículos como o Harvard Crimson e o Yale Daily News, ambos ativos desde o século XIX. Estes jornais serviram não apenas para cobrir eventos locais, mas também para discutir e propagar temas nacionais e globais, influenciando tanto a política interna quanto movimentos sociais. Na efervescente década de 1960, por exemplo, esses veículos foram fundamentais para o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, frequentemente publicando artigos críticos sobre a segregação racial e a brutalidade policial, fomentando o debate dentro e fora do ambiente universitário.

No Brasil, o movimento estudantil teve papel fundamental na luta pela redemocrati-

zação, especialmente durante os anos de ditadura militar (1964-1985). Jornais universitários, como O Politécnico, da USP eram um dos poucos veículos capazes de desafiar a censura, frequentemente publicando artigos e manifestos a favor da liberdade de expressão e contra o regime. O Bisturi, da Medicina da USP, o mais antigo jornal universitário do Brasil, também tratou da saúde política do país. Outro exemplo foi o Brado Universitário, dos alunos da Universidade Estadual de Maringá. Surgiu em meados da década de 70 motivado pela vontade de mobilizar os universitários contra a ditadura militar. O esforço desses jornais não apenas alimentava o engajamento dos estudantes, mas também informava a sociedade sobre os abusos e as restrições à democracia, consolidando a imprensa estudantil como uma voz de re-

sistência.

Mais recentemente, já na era digital, o movimento que eclodiu no final de 2010 e que sacudiu o Oriente Médio e o Norte da África, conhecido como a Primavera Árabe, também contou com a participação maciça de jovens universitários. Ainda que, nesse caso, as mídias sociais tenham substituído os jornais impressos, a essência do jornalismo permaneceu: ideias e informações que, compartilhadas em massa, ajudaram a mobilizar multidões. Esses jovens usaram as redes para se organizar e denunciar as condições de opressão em seus países, mostrando que o jornalismo estudantil se adaptou aos novos tempos, mas não perdeu sua relevância.

Verba volant, scripta manent—a voz voa, o escrito permanece. Atribuída ora a Horácio, ora a Caio Tito, essa expressão carrega um signi-



ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADEMICO OSWALDO CRUZ
NÚMERO 114 — 24 DE FEVEREIRO DE 1966 — ANO XXXI

JUSTIÇA MILITAR ABSOLVE PROFESSORES!

Não causou surpresa que os professores e acadêmicos da FMUSP acusados de subversão fossem absolvidos. Sabíamos que as acusações eram infundadas — e mesmo absurdas. Surpreendeu a todos, porém, a declaração final do Promotor, que de acusação passou à defesa, inocentando a todos, fato esse bem original. É interessante também que a sentença final transformou os acusadores em acusados e elogiou os absolvidos. É isso que acontece quando pretendem misturar ciência com política (talvez interesses, como afirma a sentença). São palavras do próprio Promotor: "FAÇA-SE JUSTIÇA". E é o que deveríamos exigir, como universitários e interessados na manutenção do alto conceito que esta Faculdade ainda possui.



...já aí, novo colega, sua comunidade — o CAOC. São 33 anos de lutas constantes e árduo trabalho, construindo um dos mais completos Centros Acadêmicos do País. E agora tudo isso é seu. Centenas de outros que aqui passaram, deixando seu trabalho para os que viessem depois, confiantes de que o mesmo faria você, chegada a sua vez. Você recebeu dos que se formaram um Patrimônio e uma responsabilidade: defender o CAOC de todos que quiserem destruí-lo. Recebeu também uma tarefa: ampliá-lo com a contribuição de seu trabalho. Você viverá aqui por seis anos. Saiba aproveitá-los bem.

QUEREM ROUBAR O PATRIMONIO DO CAOC!

(Noticiário na pág. 2)



D. P. M. S.: CAOC VAI AO POVO

O Departamento de Pesquisas Médico-Sociais do CAOC (DPMS) faz seu primeiro aniversário. Em seus primeiros passos já fez um levantamento da incidência de esquistossomose em Roseta, no Vale do Paraíba. Essa pesquisa se desenvolverá ainda mais neste ano. Pensa também em iniciar novas pesquisas em outras regiões do Estado. O CAOC parte assim para um contato mais direto com os problemas médicos e a população. Esse contato é uma experiência da aplicação do conhecimento médico e promove uma formação humanitária inestimável aos estudantes.

CESCEM: DOIS ANOS DE EXPERIENCIA RENOVADORA

Dois anos de experiência renovadora em vestibulares marcaram uma vitória da Fundação Carlos Chagas. O CESCEM congregou 11 Faculdades do Estado de São Paulo, entre elas quase todas as Faculdades de Medicina, Odontologia, Farmácia, Veterinária e Bioquímica. Utilizando o sistema de testes, que a Pedagogia demonstrou ser o método mais eficiente de medir conhecimentos, prova o CESCEM que qualquer indicativa de progresso e bem planejada será fatalmente bem sucedida. Apenas um fator ainda pode nesse sistema, que deveria ser corrigido: o complicado preenchimento do cartão do IBM.

UNIVERSITARIOS ALFABETIZAM: OPERAÇÃO ITARIRI

Incentivado pelo sucesso da Operação Ubatuba, o MOVE (Movimento de Educação) promoveu uma campanha de alfabetização de base e educação sanitária em Itariri. Outro sucesso de uma realização de universitários que beneficia a população. A Equipe de Saúde, da qual participaram muitos de nós, fez vacinação e projetos filmes sobre educação sanitária. Atividades como essa devem ser mais frequentes, pois, além dos benefícios à população, mostra aos estudantes o mundo que os cerca e faz pensar, te aplicar alguns dos conhecimentos adquiridos na Faculdade.



CA LOURO: SEJA BENVINDO AO CAOC!

Política

ficado profundo, que atravessou séculos e nos lembra da importância do que é registrado e transmitido. Em um mundo dominado por recursos audiovisuais, esse provérbio pode parecer anacrônico, mas subestimá-lo seria um erro. Como disse o escritor e jornalista Millôr Fernandes: “Se uma imagem vale mais que mil palavras, tente dizer esse ditado com uma imagem.”

A história prova isso. Foram as ideias e os textos, registrados e disseminados, que possibilitaram grandes avanços para a humanidade. O homo sapiens está na Terra há 300 mil anos. Avançou muito devagar durante todo esse tempo. De repente, 3.500 anos atrás, tudo mudou. A criação da palavra escrita pôs fim a um período sombrio conhecido como pré-história. O desenvolvimento da humanidade foi exponencial a partir de então. Em certo momento, nasceu o jornal, como meio de espalhar informação e conhecimento. Eram escritos à mão, assim como os livros, reproduzidos um a um pelos chamados copistas. Quando a palavra passou a ser impressa, há apenas 500 anos, o salto foi descomunal.

O jornal se beneficiou dessa tecnologia—chamada

imprensa de tipos móveis—assim como a literatura, a religião, a política, a medicina e a ciência em geral. A tecnologia, portanto, apenas tornou os jornais melhores e não o contrário. Tanto há meio milênio quanto agora. O jornalismo universitário não é menos importante que a chamada grande imprensa porque o objetivo de ambos—e de outros tipos de publicações—são o mesmo: ser relevante para o seu público.

Vocês, estudantes de hoje, herdam a liberdade conquistada por aqueles que, em diversas partes do mundo, usaram a imprensa universitária para lutar por direitos civis, justiça e democracia. Agora, é a vez de vocês. Jovens universitários têm sido motores das mudanças sociais, e o jornalismo universitário tem sido uma de suas principais ferramentas de expressão e resistência. Ele não apenas reporta eventos; molda opiniões, dá voz a causas importantes e incentiva a ação. Talvez a grande causa agora seja o meio ambiente, talvez o próprio ensino superior. Não importa qual seja, o que importa é que agora é com vocês. Por favor, mudem o mundo.

Carlos Dias é professor, jornalista, e trabalha na edição internacional do jornal Valor Econômico



Poli

O poeta-politécnico

“[...]
Criou-me, desde eu menino
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!
[...]”

(Trecho do poema Testamento, de Manuel Bandeira, 29 de janeiro de 1943)

Talvez você conheça alguns nomes ilustres que figuraram pelos espaços da nossa Escola Politécnica. A maioria entrou para a política ou sagrou-se no meio empresarial. Mas de todos esses, é necessário retornar ao tempo da fundação do Grêmio Politécnico em 1903 para encontrar um politécnico (e sócio-fundador da entidade) que tornou-se poeta. Sim, um politécnico, que cursou arquitetura por um curto período, mas, por motivos de saúde – tuberculose –, não concluiu a graduação; mas nem por isso

foi menos grandioso que qualquer outro. Muito pelo contrário.

Manuel Bandeira, 19 anos depois de sua incursão pelos áridos terrenos da Poli – que então se localizava no Edifício Paula Souza, no Bom Retiro – escreveria o poema Os Sapos, lido na abertura da Semana de Arte Moderna, de 1922, na qual também não compareceu, por motivos de saúde. (Coincidência ou não, desde 1989 o Grêmio Politécnico realiza a Semana de Arte da Poli, a SAPO). O poema em questão foi um marco para a poesia

modernista, rompendo e caçoando dos arrumados e comedidos parnasianos.

Esse foi um dos vários poemas que escreveu e publicou ao longo de toda sua vida. No entanto, quero me ater a algo que talvez só sobreviva no acervo de nosso Jornal O Politécnico. Em uma edição de 25 de dezembro de 1955, a equipe editorial foi à caça de "politécnicos célebres". Na mesma página onde está um texto-biografia de Roberto Cochrane Simonsen, "engenheiro, industrial, administrador, professor, historiador e político", grita a manchete: "MANUEL BANDEIRA ESTUDOU NA POLITÉCNICA!", com o entusiasmo de quem descobria que compartilhava do mesmo solo pisado por um ídolo. Abaixo vai a transcrição desse pequeno e ímpar texto:

"Foi colega de Roberto Simonsen - O grande poeta modernista formou-se contador em nossa Escola - Iniciou o curso de engenheiro-arquiteto.

Quando da preparação do número 28 de "O Politécnico", que seria o de comemoração do 52º aniversário do GRÊMIO POLITÉCNICO, tive-mos oportunidade de enviar diversas cartas a pessoas que por um motivo ou por outro estavam ligadas à história de nossa Escola. Teríamos, assim, um bom assunto para o jornal comemorativo.

Entre as pessoas às quais enviamos então nossas cartas estava o nosso grande poeta modernista Manuel Bandeira que há poucos dias teve a satisfação de gravar em disco, de própria voz, alguns de seus mais apreciados versos.

Aconteceram que um colega, em conversa conosco, nos informou que Manuel Bandeira cursara escola de engenharia; não sabia, porém, se a nossa escola ou

a Faculdade Nacional de Engenharia.

Vislumbramos nessa conversa um bom motivo para um artigo. E escrevemos ao poeta patricio. Tivemos a satisfação, imensa mesmo, de uma resposta. E vamos dá-la a nossos leitores, tal como a recebemos:

'Rio, 13 de setembro de 1955.

Sr. Luprecio Camões Pires

Peço-lhe desculpas de só agora responder ao seu amável convite de 18 de Julho. Infelizmente fora de tempo para lhe fornecer qualquer colaboração ao número de "O Politécnico" comemorativo do 52º aniversário da fundação.

Quanto ao que me pergunta, respondo que nos Anuários da Escola Politécnica, pelo menos no ano de 1908, que possuo, figura na lista alfabética dos alunos diplomados pela Escola desde a sua fundação o nome de Manuel Carneiro de Souza Bandeira entre os Contadores diplomados em 1904. Trata-se dêste seu criado. Nas férias do 1º para o 2º ano do curso, fiquei tuberculoso e tive que abandonar os estudos. Era intenção minha seguir o Curso de engenheiro-arquiteto. Foram meus colegas de turma, entre outros, Francisco da Silva Teles, Alberto Monteiro de Carvalho, Luís da Silva Prado, Octávio Teixeira Mendes, Roberto Simonsen, Heitor de Souza Pinheiro, dos quais me recordo bem e com saudades.

Queira aceitar os meus cordiais cumprimentos.

MANUEL BANDEIRA

Av. Beira Mar, 406 - Apt. 806"

Assim foi escrito e ficou escrito, por um dos maiores líricos da história, ao editor de então do Jornal, o destacado Luprecio. Vale explicar que, na época de Bandeira,

a Poli "ministrava no Curso Preliminar, equivalente ao primeiro ano do curso de engenharia, aulas de Escrituração Mercantil, conferindo aos alunos que fossem aprovados nas disciplinas que integravam esse primeiro módulo, o diploma de Contador" (MARTINS, SILVA, RICARDINO - "Escola Politécnica: possivelmente o primeiro curso formal de contabilidade do estado de São Paulo").

Enfim, dos grandes

que passaram em nossa Escola, decidi, sim, destacar um poeta. A Poli, sempre almejando formar "engenheiros e líderes", talvez se esqueça que, sobre seu solo de concreto e angústia, crescem e nascem artistas, escritores, músicos, atores, falantes e poetas. Desprezados, talvez sejam eles que salvem o mundo; ou, pelo menos, façam dele mais belo belo, enquanto ele acaba.

Diego Roiphe de Castro e Melo, Engenharia Civil, 2º ano.



[...]

— Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples.

(Último verso de Belo belo, 1948)



Página d'O Politécnico com a manchete "MANUEL BANDEIRA ESTUDOU NA POLITÉCNICA!", de 25 de dezembro de 1955.



O GAMELA - Edição de 80 Anos

O prédio da Civil-Ambiental entrará em reforma, mas por que a demora?

Informações apuradas pela equipe deste jornal confirmam que em um dos processos de licitação para reforma, o prédio da civil foi erroneamente denominado "prédio do covil". A Comissão Administrativa da Engenharia Civil e Ambiental (CAEC) e a Diretoria da Poli agora se encontram em um imbróglio perante o Governo do Estado, que solicitou uma vistoria e retirada dos animais ferozes do edifício por parte do Instituto Butantan.

"Aqui só temos carpas e tartarugas. Em termos de feras, é possível dizer que o...", o depoimento do aluno que não quis se identificar foi interrompido, pois, se lembrando da chamada oral da sua matéria favorita, não poderia deixar de comparecer e saiu correndo em desespero.

Nossa equipe de jornalismo investigativo foi atrás do CAEC para apurar a situação que, até então, não passava de um burburinho. O membro entrevistado confirmou as suspeitas, afirmando: "é uma questão muito gramática. O que atrasa os avanços desta Escola é o português".

Visando deixar tudo em claro, O Gamela foi atrás do português citado, mas ele não foi encontrado nas redondezas da Poli e nós não tínhamos tempo de ir até a FFLCH.

O membro da Comissão ainda nos relatou: "está certo, nem tudo é culpa do português. Em algumas escavações para estudo das fundações do prédio foram encontradas ossadas não identificadas, sugerindo que o solo aqui da Escola foi, um dia, um grande cemitério." Ele completou afirmando que optaram por não publicizar o assunto, receando que, chegada a notícia nas mãos do prefeito

de São Paulo, ele optasse pela privatização da área, como fez com outros cemitérios pela cidade. Isso seria extremamente problemático, uma vez que os alunos passariam a ter de pagar para enterrar a graduação.

A resposta do prefeito em entrevista concedida hoje cedo, porém, acalmou os ânimos da nossa redação. Perguntado sobre a integração da USP com os bairros vizinhos, questionou: "a USP fica em São Paulo?"

Novo jornal universitário promete revolucionar a comunicação dentro do Campus

Foi com muita felicidade que O Gamela recebeu a notícia de que um novo periódico passou a circular pela Cidade Universitária, gerando bastante repercussão e sendo o tó-

pico mais citado nas enquetes do Bandeirão Central. Feito por mãos e mentes desconhecidas até o presente momento, ficamos felizes de, desde já, notar o comprometimento irrestrito da equipe editorial com o jornalismo investigativo e a apuração dos fatos, tal qual sempre realizamos n'O Gamela. "O Saruê da Verdade" promete inaugurar uma nova fronteira no jornalismo universitário da USP, já tendo lançado suas duas primeiras edições em pouco menos de um mês de existência. Seguem abaixo os fac-símiles das duas primeiras edições desse promissor meio de comunicação.



O SARUÊ DA VERDADE

Conhecerás a verdade e preferirás a mentira

ANO I
CRUSP, CIDADE UNIVERSITÁRIA, 14 DE OUTUBRO DE 2024
Nº 0001

NOVO PROGRAMA DE SAÚDE DA PRIP

A Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) anunciou a implementação de um novo programa de saúde destinado aos moradores do seu residencial universitário. A proposta inovadora visa promover um estilo de vida mais ativo, incentivando a prática de exercícios físicos no dia a dia dos residentes.

Uma das principais medidas desse programa é a eliminação dos elevadores nos prédios do residencial. A ideia é estimular os moradores a utilizarem as escadas, proporcionando assim uma oportunidade diária de atividade física, que pode trazer benefícios significativos para a saúde cardiovascular e o bem-estar geral.

HORÓSCOPO

Escorpião ou Libra: Mudanças estão a caminho. Você receberá uma carta de alguém importante, que falará sobre seu tempo no residencial. Este pode ser um momento de reflexão, trazendo à tona memórias significativas e novas perspectivas.

Leão, ou talvez Peixes: É um bom momento para ter cuidado. O bandeirão poderá lhe trazer surpresas. Fique atento ao feijão. Uma escolha cuidadosa nas refeições será essencial para evitar desconfortos.

[mais na página 12, ou na próxima edição - não conseguimos prever]

NOTA DO EDITOR

Em primeira mão, pedimos desculpas pelos erros e mentiras que vamos contar da edição nº 42.

NOVIDADES PARA CONJUNTO RESIDENCIAL DA USP (CRUSP)



Projeto arquitetônico do CRUSP para depois da retirada dos irregulares

"O bloco D será inaugurado na próxima semana", anunciou a Universidade de São Paulo. Após uma longa espera, a inauguração do bloco D finalmente acontecerá.

A universidade informou que o atual Bloco A1 será renomeado como Bloco D, o que está programado para ocorrer na próxima semana. Com essa medida, a USP busca resolver dois problemas simultaneamente: a demora na inauguração do novo bloco e a confusão frequente causada por entregadores que têm dificuldade em distinguir entre o bloco A1 e o bloco A. Essa mudança promete simplificar a identificação dos espaços e facilitar a logística para os usuários, além de marcar um passo importante para a conclusão do projeto de ampliação da infraestrutura do campus.

Indignados, alguns moradores do bloco A1 protestam: "Somos ateus, não queremos D de Deus em nosso bloco." Em resposta, a USP garantiu que o "D" se refere a Dawkins, o famoso biólogo e escritor britânico ateu.

NOVIDADES SOBRE OS BLOCOS K e L

A Universidade de São Paulo (USP) anunciou a abertura de uma licitação para selecionar uma organização estudantil que será a verdadeira representante e responsável pela luta pela devolução dos blocos K e L, atualmente sob a administração da universidade.

Segundo a administração da USP, essa abordagem inovadora visa trazer mais organização à luta estudantil e evitar disputas por legitimidade. No entanto, os "autonomistas", indignados, relataram que não participaram da licitação, pois não conseguiram aprovar o estatuto social da sua organização, o que os deixou sem o CNPJ necessário para realizar a inscrição.

Sob anonimato, um integrante do movimento estudantil "Operários de Esquerda Socialistas Comunistas Maioista-Brizolista" comentou que essa é uma ação importante da universidade. O movimento tem como objetivo ganhar a licitação para obter o uso exclusivo da marca "Pela Devolução do K e L" em suas redes sociais, o que, segundo ele, poderia fortalecer sua presença e visibilidade na luta pela moradia estudantil.

GUERRA SANTA

Membros do movimento evangelístico *Águias de Cristo* e do movimento *Pombas de Cristo* estão em disputa pelos cartazes nos espaços estudantis. Os envolvidos no conflito não foram encontrados pela reportagem, pois era domingo, dia de escola dominical.

"FAZ O K H"

Kamala Harris pode perder as eleições se não contar com o apoio dos estudantes da USP, alertam membros do movimento estudantil Tsunami. "É fundamental ter uma mulher negra à frente de um país, mesmo que imperialista", afirma um militante do grupo.

[pág. 7]
[pág. 11]



JORNAL O SARUÊ DA VERDADE

Conhecerás a verdade e preferirás a mentira

ANO I

CRUSP, CIDADE UNIVERSITÁRIA, 14 DE OUTUBRO DE 2024

Nº 0001

NOVO PROGRAMA DE SAÚDE DA PRIP

A Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) anunciou a implementação de um novo programa de saúde destinado aos moradores do seu residencial universitário. A proposta inovadora visa promover um estilo de vida mais ativo, incentivando a prática de exercícios físicos no dia a dia dos residentes.

Uma das principais medidas desse programa é a eliminação dos elevadores nos prédios do residencial. A ideia é estimular os moradores a utilizarem as escadas, proporcionando assim uma oportunidade diária de atividade física, que pode trazer benefícios significativos para a saúde cardiovascular e o bem-estar geral.

HORÓSCOPO

Escorpião ou Libra: Mudanças estão a caminho. Você receberá uma carta de alguém importante, que falará sobre seu tempo no residencial. Este pode ser um momento de reflexão, trazendo à tona memórias significativas e novas perspectivas.

Leão, ou talvez Peixes: É um bom momento para ter cuidado. O bandeirão poderá lhe trazer surpresas. Fique atento ao feijão. Uma escolha cuidadosa nas refeições será essencial para evitar desconfortos.

[mais na página 12, ou na próxima edição - não conseguimos prever]

NOTA DO EDITOR

Em primeira mão, pedimos desculpas pelos erros e mentiras que vamos contar da edição nº 42.

NOVIDADES PARA CONJUNTO RESIDENCIAL DA USP (CRUSP)



Projeto arquitetônico do CRUSP para depois da retirada dos irregulares

"O bloco D será inaugurado na próxima semana", anunciou a Universidade de São Paulo. Após uma longa espera, a inauguração do bloco D finalmente acontecerá.

A universidade informou que o atual Bloco A1 será renomeado como Bloco D, o que está programado para ocorrer na próxima semana. Com essa medida, a USP busca resolver dois problemas simultaneamente: a demora na inauguração do novo bloco e a confusão frequente causada por entregadores que têm dificuldade em distinguir entre o bloco A1 e o bloco A. Essa mudança promete simplificar a identificação dos espaços e facilitar a logística para os usuários, além de marcar um passo importante para a conclusão do projeto de ampliação da infraestrutura do campus.

Indignados, alguns moradores do bloco A1 protestam: "Somos ateus, não queremos D de Deus em nosso bloco." Em resposta, a USP garantiu que o "D" se refere a Dawkins, o famoso biólogo e escritor britânico ateu.

GUERRA SANTA

Membros do movimento evangélico *Aguias de Cristo* e do movimento *Pombas de Cristo* estão em disputa pelos cartazes nos espaços estudantis. Os envolvidos no conflito não foram encontrados pela reportagem, pois era domingo, dia de escola dominical.

[pág. 7]

"FAZ O K H"

Kamala Harris pode perder as eleições se não contar com o apoio dos estudantes da USP, alertam membros do movimento estudantil Tsunami. "É fundamental ter uma mulher negra à frente de um país, mesmo que imperialista", afirma um militante do grupo.

[pág. 11]

NOVIDADES SOBRE OS BLOCOS K e L

A Universidade de São Paulo (USP) anunciou a abertura de uma licitação para selecionar uma organização estudantil que será a verdadeira representante e responsável pela luta pela devolução dos blocos K e L, atualmente sob a administração da universidade.

Segundo a administração da USP, essa abordagem inovadora visa trazer mais organização à luta estudantil e evitar disputas por legitimidade. No entanto, os "autonomistas", indignados, relataram que não participarão da licitação, pois não conseguiram aprovar o estatuto social da sua organização, o que os deixou sem o CNPJ necessário para realizar a inscrição.

Sob anonimato, um integrante do movimento estudantil "Operários de Esquerda Socialistas Comunistas Maioista-Brizolista" comentou que essa é uma ação importante da universidade. O movimento tem como objetivo ganhar a licitação para obter o uso exclusivo da marca "Pela Devolução do K e L" em suas redes sociais, o que, segundo ele, poderia fortalecer sua presença e visibilidade na luta pela moradia estudantil.

EXPEDIENTE:

Diretor: Saruê Salgado
Editor Chefe: Saturno Anônimo
Estagiário: Carl Sagan
Contato/Dúvidas / Sugestões : osaruedaverdade@proton.me

Piadas:

Existem apenas duas engenharias, a civil e a militar

As notas na escola são como o passo de um exército em marcha: um-dois! um-dois! um-dois!

(Publicado originalmente na edição de 25 de Fevereiro de 1955, editada por Lupércio Camões Pires)

Três pontos facultativos são reticências facultativas? (Publicado originalmente em edição de maio de 1949, por Boyte e Mariole)

Manchetes da semana:

Competição de poemas entre Poli e ITA termina em empate por WO

Medida da Prefeitura do Campus: "Carros deverão andar nas ciclofaixas, as bicicletas, na calçada e os pedestres, na rua"

Gilberto Gil confirma retorno à Poli, em show da turnê de despedida, no Auditório Amarello

Biênio monta árvore de Natal em meados de outubro e Papai Noel é visto nas festas de Halloween da USP

Tarcísio protocola medida que renomeará o IPT para IRE-publicanos

O Gamela foi a seção de mais alto calibre e seriedade do Jornal O Politécnico, tendo existido nas décadas de 1940, 50 e 60, relatando casos de interesse nacional e tocando em temas importantíssimos também dentro da nossa Escola Politécnica. Tendo minguido com a aproximação do Golpe de 1964, retorna nesta edição - e quem sabe em próximas? - substituindo a atual coluna Politreco, resgatando parte do tom e da história de alguns desses 80 anos.

Instagram do Jornal Saruê da Verdade: @jornalasaruedaverdade

Deixamos aqui nossos cumprimentos ao Saruê Salgado pelo excelente e valoroso trabalho que tem realizando à frente do mais novo periódico dos alunos da Universidade de São Paulo e os maiores desejos de sucesso!



NAPOLEON

Fala, Professor

Entrevista com o Prof. Dr. Flávio Trigo!

Em virtude do aniversário de 80 anos do Jornal, entrevistamos o Professor Dr. Flávio Celso Trigo, do PME, formado em Engenharia Mecânica na Poli - onde obteve também seu mestrado e doutorado -, e fizemos perguntas com a finalidade de comparar o passado com o presente.

Veja abaixo o que mudou e o que permaneceu ao longo de quase 40 anos, em esferas como Estrutura Curricular e Infraestrutura, nas palavras do professor.

Estrutura Curricular

Quando eu entrei, a Estrutura Curricular acho que poderia ser chamada de "zero". Especificamente, você fazia o vestibular, entrava na carreira de Exatas e escolhia engenharia na Poli. O primeiro ano era o Ciclo Básico, igual para todos os ingressantes. No final do segundo semestre, era feita a escolha das habilitações, de acordo com uma classificação geral das notas. O terror que se fazia era: se você não tivesse uma nota média excelente, não conseguiria escolher a habilitação desejada. A concorrência entre as habilitações era mais ou menos a mesma, [...] Resumo da ópera: eu não conheço ninguém que não tenha conseguido sua primeira opção. Todos os meus colegas que queriam Química, Elétrica, Mecânica, Naval, Civil, Minas, Metal, conseguiram.

Na Mecânica particularmente, havia a Grande Área Mecânica, cujos segundo e terceiro anos eram compartilhados inteiramente pelos alunos de Mecânica e de Produção. Para o quarto ano, optávamos por Engenharia Mecânica de Projetos (minha escolha) ou Engenharia Mecânica de Produção (isso em 1983...)

No período em que estive trabalhando com engenharia na iniciativa privada, entre 1986 e 1998, passou-se para a Estrutura Curricular 2, momento em que a escolha pela habilitação passou a ser diretamente no vestibular. Em 1998

voltei para a Poli, fiz o mestrado e o doutorado e comecei a trabalhar como professor da Poli em 2008. Aí, em 2012-2013, nós começamos a implementar a Estrutura Curricular 3, a EC3.

A EC3, na minha opinião, tem pontos positivos; por exemplo, a diminuição da carga horária em disciplinas obrigatórias, abrindo espaço na grade para os alunos cursarem disciplinas optativas inclusive em outras unidades da USP; a flexibilidade para os alunos escolherem áreas de concentração (os módulos interdepartamentais) nos dois semestres finais. Evidentemente, isso exige uma sinergia entre as habilitações que abrigam os respectivos módulos; isso ainda precisa ser melhorado. Por exemplo, às vezes os horários de algumas disciplinas não se ajustam perfeitamente às grades horárias dos departamentos, gerando conflitos de horário que acabam por prejudicar o bom andamento dos dois últimos semestres para alguns alunos.

Por outro lado, devido à diminuição na carga horária de diversas disciplinas para criar o espaço necessário à flexibilização nas grades horárias das habilitações, foram criadas diversas disciplinas de 2 créditos de modo a manter, pelo menos em parte, o conteúdo das disciplinas cuja carga horária havia sido diminuída. Porém, os professores (e eu me incluo nisso) normalmente querem abordar em 2 créditos o mesmo conteúdo que era antes dado em 4 créditos, ou seja, exigindo o mesmo trabalho no tempo extra (fora da sala de aula) além das provas regulares e, dessa forma, sobrecarregando demais os alunos. Por esse motivo, na minha opinião, disciplinas de 2 créditos não deveriam existir. A EC3 não as previu: elas apareceram como consequência da flexibilização. Esse é um ponto negativo.

Agora, estamos tendo que nos adaptar às novas Diretrizes Curriculares Nacionais - o que exige uma revisão dessa Estrutura Curricular 3 para incluir, entre outras coisas, atividades de extensão na grade obrigatória dos cursos.

Aqui na Mecânica, por exemplo, vamos reformular bastante a área de Modelagem, Dinâmica e Controle, fundindo disciplinas, incorporando atividades práticas (laboratório) de maneira concatenada e eliminando disciplinas de 2 créditos. A área de Mecânica de Fluidos também está trabalhando em algo semelhante. Acreditamos que, dessa forma, os alunos tenham bastante a ganhar, pela continuidade e contiguidade das disciplinas. Aliás, essas modificações têm sido discutidas nas CoCs, com a participação de representantes discentes.

Quanto aos ingressantes, na minha época a grande maioria dos calouros vinha de escolas particulares ou de escolas técnicas de referência. Eu, por exemplo, estudei em escola pública até o final do primeiro ano do colegial, atual ensino médio. Hoje, há diversos egressos de escolas públicas - o que é muito bom, na minha opinião. Havia muito pouca gente de fora de São Paulo - capital. Atualmente, graças aos diversos mecanismos de admissão, temos colegas de vocês que vêm de múltiplos lugares não só do Brasil, mas também do exterior. Outros aspectos que mudaram para melhor em relação à minha graduação são os programas de intercâmbio e Duplo Diploma, além de mais oportunidades de IC, de trabalho nos laboratórios de graduação e pesquisa e também nas diversas equipes que participam de competições (p. ex. Baja, Fórmula, AeroDesign, etc...).

As aulas, em geral (aqui estou falando especificamente da Mecânica), não eram como hoje, pois a maioria dos professores atuava em regime parcial, principalmente os professores que não eram do ciclo básico. Hoje, a grande maioria dos docentes trabalha em regime de dedicação integral, atuando no ensino, pesquisa e extensão. Essa é uma mudança que eu considero positiva, pois o conhecimento técnico aplicado que os professores outra traziam de sua experiência profissional encontra paralelo

nas experiências práticas que os docentes atuais adquirem em projetos de pesquisa aplicada, com o ganho do aprofundamento teórico exigido para a concretização da referida pesquisa. Essas demandas estão diretamente associadas ao regime de trabalho de tempo integral, que é o perfil atual de 90% do corpo docente.

Infraestrutura

A infraestrutura, de forma geral, melhorou, mas ela carece de manutenção contínua. Ao mesmo tempo em que a escola abriga diversos laboratórios de ponta em pesquisa, as salas de aula, principalmente as do Biênio, carecem de manutenção adequada após a reforma que foi efetuada pouco antes (se não me engano) da pandemia.

Imagino o que estaria acontecendo hoje caso um projeto que fizemos, na gestão do Reitor João Grandino Rodas, quando havia recursos disponíveis, tivesse sido concretizado, por volta de 2010-2011, logo depois que eu entrei aqui como professor. Nessa época, eu era o orientador da equipe do Baja e fomos participar da competição internacional anual da SAE - Baja nos EUA. A competição estava sediada em uma universidade pequena, no Kansas; mesmo assim, havia lá um galpão imenso todo equipado com oficinas para as atividades de extensão, com diversas equipes (Baja, Fórmula, Naval, Aero, Construção Sustentável etc...) dividindo o mesmo espaço e compartilhando os recursos humanos e materiais disponíveis. Quando voltei, mostrei o folder do referido espaço para o Prof. Celso Pupo Pesce, nosso Chefe de Departamento na época. O Prof. Celso é um entusiasta desse tipo de atividade na formação dos estudantes e imediatamente levou a ideia ao CTA, conseguindo o apoio da Diretoria para a realização de concorrência pública visando a concretização do projeto. Fizemos a concorrência pública, vários escritórios renomados de arquitetura apresentaram projetos maravilhosos. O local escolhido seria o estacio-

Fala, Professor

namento em frente ao prédio da administração e o edital de concorrência especificava os espaços que deveriam ser previstos: auditórios de uso global, algumas salas de aula com aquele formato modular -- no qual é possível alterar a capacidade através de divisórias móveis -- inclusive para acomodar aulas hoje ministradas no Biênio, a Biblioteca Central e, principalmente um amplo espaço dotado de oficinas e infraestrutura de suporte para ser utilizada pelos grupos de extensão e também para a realização dos TCCs. O escritório de Arquitetura Ruy Ohtake venceu a concorrência. Tínhamos os recursos para a execução do projeto executivo e da obra. De repente a crise chegou, o dinheiro acabou e o projeto morreu. Aqui, estamos falando de 2013...

Penso que, caso essa obra tivesse efetivamente sido executada, hoje estaríamos enfrentando o problema de arcar com os custos de manutenção que uma instalação desse porte iria demandar para continuar operando de maneira adequada.

Conjuntura Política

Conjuntura política é um assunto que possui muitas abordagens e suscita paixões. Por isso, vou me restringir aqui ao aspecto mais relacionado à vida acadêmica.

Na minha opinião, a representatividade do corpo acadê-

mico como um todo melhorou; hoje é divulgado que existem colegiados e que existem eleições para representantes desses colegiados, o que na minha época eu mal sabia. Entretanto, acho que a representatividade dos alunos devia ser maior; ela é muito pequena ainda. Gostaria que nós (professores) tivéssemos mais diálogo com os alunos. Os processos decisórios ainda são bastante restritos.

Uma conquista importantíssima que conseguimos em 1988, depois que eu já tinha me formado, foi a autonomia didático-pedagógica, administrativa e de gestão financeira. Essa mudança veio na esteira da Constituição de 1988, ou seja, a conjuntura política da época proporcionou esse avanço. Na prática, obrigou-se a destinação legal pelo Estado de uma parcela dos recursos do ICMS para o custeio da USP. Com liberdade, vem responsabilidade, o que nos obriga a gastar esse dinheiro com bastante critério, respeitando bem as regras de forma a não perder a liberdade conquistada às duas penas. Houve alguma evolução também no tocante à representatividade da comunidade USP nos processos internos: por exemplo, hoje votamos em candidatos que compõem a lista tríplice da qual o Governador do Estado irá selecionar o próximo Reitor da Universidade. Isso simplesmente não existia no meu tempo de graduação.

Cabe lembrar que eu me formei na Poli no ano em que oficialmente acabou a ditadura militar, ou seja, tivemos aqui um período bastante complicado, inclusive para o Grêmio e outras representações estudantis, que tiveram vários membros presos e até assassinados.

(Hoff: o próprio jornal foi censurado.)

Exatamente, não preciso contar essa história de novo.

Movimento Estudantil

O Movimento Estudantil era bem mais forte, e assim como tudo ele foi minguando. Eu não sei se é porque as pessoas começaram a ter a sensação de que o caminho do protesto estudantil era algo longo e custoso, seja do ponto de vista pessoal, seja em termos de prejuízo no desempenho acadêmico. Em termos pessoais, é inevitável ficar "marcado" o que, paradoxalmente, na minha época de graduação, era algo que não nos preocupava tanto; todavia, o prejuízo acadêmico era imenso aqui na Poli, pois os semestres se sucediam e quem dedicava tempo ao movimento tinha menos tempo para assistir aulas e estudar para as inúmeras provas. Consequência: as reprovações e pré-requisitos inevitavelmente atrasavam a conclusão do curso. Para muitos, inclusive eu mesmo, que vinha de uma família modesta, a obtenção do diploma signi-

ficava certa independência financeira e diminuição do ônus para meus pais. Então por que o movimento estudantil era mais forte que hoje? Simplesmente, porque a consciência de classe, mesmo que pequena, ainda existia e, portanto, valia a pena ser rebelde.

Eu vejo o Movimento Estudantil hoje muito fraco, com baixa representatividade. Aqui na Poli sempre foi fraco. Na USP como um todo não, mas nas faculdades onde o Movimento Estudantil era tradicionalmente forte ele também perdeu muito a força. A dinâmica das relações sociais mudou drasticamente nestes 39 anos desde que me formei. A época é outra, o modelo é outro, mais individualista, mais competitivo. Não podemos basear o nosso modelo de relação de trabalho ou de estudo ou de Movimento Estudantil com aquilo que existia nas décadas de 70, 80, 90, seria totalmente anacrônico. Hoje, é tudo muito diferente e temos que nos adaptar para não nos tornarmos uma relíquia do passado, o que está acontecendo, pelo menos na minha opinião. Infelizmente, ainda não tenho uma fórmula mágica para tentar reverter o processo. Creio que, a esta altura, vocês jovens são as pessoas mais capazes de descobri-la.

Entrevista feita por Hoff,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

Polirismos

Poema póstumo de um politécnico meio McFly

Sou um politreco
Turma de 39
Ontem eu ouvi no rádio
Ahh, o rádio...
"Guerra na europa, guerra no mundo"
Não entendi muito.

Hoje estou no futuro,
Ahh, o futuro...
Vi a nova turma de 24
E a nova guerra no mundo.

Rodrigo Saito,
Engenharia Naval, 1º ano.

Poli



Seja um padrinho
dos nossos
coelhinhos!



@gacgrupo

Venha fazer parte dessa
causa e ajude a garantir uma
vida cheia de cuidados e
carinho para nossos coelhos.
Acolha a ideia e contribua
para o bem-estar desses
orelhudos, através do
apadrinhamento pela
plataforma Apoia-se!

[apoia.se/gac-coelhinhos]



Já pensou em ser um agente da mudança?

Se você acredita no potencial transformador da educação
para o futuro, faça parte da MatMov e colabore com o
ensino de jovens da rede pública.

Inscreva-se
e Saiba Mais
aqui



Trabalho voluntário com
atuação em escolas (aos
sábados)

Presencial em São Paulo
(Zona Sul e Zona Oeste)
ou **Online**

@matematicaemmovimento
rh@matmov.org.br